

Devagar, o país tenta fugir da recessão

Ricardo Leopoldo
Sandro Silveira
Da equipe do Correio

O governo começou timidamente, na semana passada, a tentar desviar o país da rota da recessão. O Banco Central (BC) reduziu os juros e ampliou o financiamento para a compra de veículos de três para seis meses.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, de Tóquio (Japão) deu a ordem: "Vamos desmontar o sistema de restrição ao crédito e compulsórios, que foi feito para controlar a velocidade excessiva do crescimento de consumo".

O BC reduziu os juros mensais de 4,09% para 3,84% com o objetivo de diminuir um pouco o custo dos empréstimos às empresas e desestimular a entrada de capital estrangeiro especulativo no país.

Para o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Mário Amato, essa redução "é insu-

ficiente e não tem efeito no financiamento da produção".

Economistas ainda discutem se o país tinha chegado a uma recessão, mas comerciantes e consumidores não têm dúvidas: ela chegou, e forte, para 68% dos lojistas do DF (ver pesquisas nas páginas seguintes).

Exagero — Joaquim Elói Cirne de Toledo, professor de Economia da Universidade de São Paulo (USP), diz que o governo exagerou ao elevar os juros em janeiro.

O economista calcula que o BC poderia baixar os juros reais (acima da inflação) de 30% para 15% nos próximos 12 meses.

Vicente Paulo da Silva, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), afirmou que essa medida não resolve o problema. "Dez mil metalúrgicos estão em férias coletivas, o que é um forte sinal de futuras demissões", lembra.

Crediário — O governo começou a afrouxar o crédito autorizando financiamento para carros em até seis meses. As restrições permanecem para mercadorias como eletrodomésticos, que podem ser pagos em três parcelas, no máximo. Com o aperto, o consumo diminui e as indústrias dão férias coletivas aos trabalhadores, porque os pedidos do comércio caem.

Juros — O governo reduziu os juros na semana passada de 4,09% para 3,84%. Os juros altos tornam muito caros os empréstimos que os industriais tomam nos bancos,

o que inviabiliza a produção e os novos investimentos. As fábricas fecham e os trabalhadores perdem o emprego.

Compulsórios — Os compulsórios são depósitos obrigatórios dos bancos no BC, que diminuem o dinheiro disponível para financiamentos. Os recursos ficam mais escassos, o que faz com que os juros subam. O custo dos empréstimos à iniciativa privada cresce muito. O Banco Central deve reduzir os compulsórios nas próximas semanas,

Consórcios — Os grupos de consórcios são formados

ALIVIANDO O APERTO

para a compra de veículos, máquinas agrícolas e eletrodomésticos. Quando empresas têm estoques elevados, os consórcios servem para escoar a produção parada nos pátios das fábricas.

Agricultura — Boa parte dos agricultores não está pagando suas dívidas com os bancos por causa dos juros altos. Se as taxas de juros não caem, os agricultores tomam menos empréstimos, plantam menos e a colheita diminui. Os alimentos ficam mais caros, elevando a inflação. A renda da agricultura cai, aprofundando a recessão.

